



## **Violências cotidianas: a fotografia como registro de empoderamento feminino**

*Daily violence: the photography as a record of women's empowerment*

Lurdi Blauth<sup>i</sup>  
Universidade Feevale

Diênifer Morgana Schmitt<sup>ii</sup>  
Universidade Feevale

Anna Paula Rodrigues da Rosa<sup>iii</sup>  
Universidade Feevale

### **Resumo**

O artigo aborda questões geradas a partir da produção de uma série de fotografias experimentais com viés feminista. Tendo como tema central ações que visam acolher e empoderar as mulheres, levantam-se questionamentos sobre a construção social do feminino. Nesse processo, são utilizados recursos de fotografia analógica de forma experimental, propondo aproximações com o trabalho fotográfico de Adriana Lestido, assim como articular estudos das autoras Maria Lygia Quartim de Moraes e Simone de Beauvoir.

**Palavras-chave:** arte, fotografia, feminismo, violência cotidiana, mulher.

### **Abstract**

This article addresses issues generated from the production of a series of experimental photographs with a feminist bias. Having as central theme actions aimed at welcoming and empowering women, questions are raised about the social construction of women. In this process, analog photography resources are used experimentally, proposing approximations with the photographic work of Adriana Lestido, as well as articulating studies of the authors Maria Lygia Quartim de Moraes and Simone de Beauvoir.

**Keywords:** art, photography, feminism, daily violence, woman.

Enviado em: 26/11/18 - Aprovado em: 19/02/19

## Introdução

As fotografias apresentadas nesse artigo<sup>1</sup> dão continuidade a uma pesquisa que iniciamos em 2017, que investiga, sobretudo, a violência de gênero. Buscamos nas imagens elaboradas, a exposição de aspectos que englobam o feminino na contemporaneidade ocidental, fazer um contraponto às violências cotidianas sofridas pelo gênero feminino. O termo 'violência cotidiana' foi adotado pelas autoras para denominar ações externas que, de alguma forma, perturbam ou afetam a rotina de uma mulher. Esses atos consistem em violência física, emocional, cultural e/ou social, todas amparadas pelo sistema machista<sup>2</sup> em que a sociedade é baseada.

Como desdobramento da pesquisa, realizamos uma investigação por meio de ações denominadas 'ações de empoderamento', realizadas por coletivos de mulheres para, de alguma forma, tentar reverter as marcas provocadas pelas violências cotidianas.

Nos indagamos sobre a importância dessas ações de empoderamento e como podem ser ressignificadas no contexto feminino? Segundo o dicionário Priberam (DPLP, 2018) *empoderamento* significa "ato ou efeito de dar ou adquirir poder ou mais poder". Para a filósofa Djamila Ribeiro (2017), empoderamento feminino significa mais do que apenas dar força a um indivíduo de forma isolada, mas sim, promover a equidade entre gêneros e impulsionar o fortalecimento de mulheres coletivamente para que a sociedade se torne mais justa e igualitária.

Propomos analisar, brevemente, alguns aspectos do momento sociocultural do Brasil do século XXI, no qual coletivos de mulheres progressivamente se mobilizam pela união e solidariedade feminina. Contudo, o estudo sobre questões de gênero é amplo, porém, não nos aprofundamos teoricamente, pois o nosso intuito é refletir sobre a violência e a condição em que mulheres são expostas cotidianamente na sociedade. Apresentamos algumas ações desenvolvidas com grupos de mulheres tais como: uma aula de defesa pessoal feminina, uma passeata de mulheres contra a PEC 181 e um encontro de bordado livre.

Optamos pelo uso da fotografia analógica como registro e agente documental das ações realizadas, contudo, o simples registro fotográfico não iria corresponder às nossas proposições e, para tanto, exploramos processos de interferência nas imagens através da

---

<sup>1</sup> Estudos vinculados a pesquisa "Arte e Tecnologia: Interfaces Híbridas da Imagem entre Mediações e Remediações", vinculada à Universidade Feevale, a mesma investiga possibilidades de intersecção de meios artísticos tradicionais e digitais e é liderada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lurdi Blauth.

<sup>2</sup> O machismo pode ser definido como um sistema ideológico de representações simbólicas que mistifica as relações de exploração, sujeição e subordinação entre os gêneros dentro de uma hierarquia, no qual o masculino é sempre visto como dominante sobre o feminino (DRUMONT, 1980).

técnica do filme fervido. A ação de submeter as imagens registradas ao calor extremo, provoca uma transformação e no momento em que é revelado, encontramos manchas, marcas, apagamentos e modificações das cores das fotografias originais. As intervenções que as imagens sofrem, simbolicamente, podem ser relacionadas às pressões e violências que muitas mulheres convivem diariamente.

Diante dessas questões, acreditamos que este estudo, em função da necessidade de evidenciar a continuidade das discussões sobre 'violências cotidianas' com a mulher, tem relevância social, considerando a arte como uma das possibilidades de manifestação crítica.

### **Feminismo: Breves considerações sobre o movimento e seus reflexos na sociedade Contemporânea**

Os primeiros escritos considerados feministas<sup>3</sup> são datados no final do século XVIII, quando ativistas, como a intelectual libertária Mary Wollstonecraft<sup>4</sup>, denunciaram a falta de cidadania feminina na época. Seus textos traziam temas como a igualdade de direitos à educação, ao voto e à propriedade privada.

Porém, foi apenas no século XIX quando, como consequência da Revolução Industrial, as mulheres passaram a participar efetivamente do trabalho produtor em indústrias, que essas reivindicações – antes apenas teóricas – fossem novamente tensionadas, gerando o evento que seria conhecido como *Primeira Onda do Feminismo*.

[...] nesse momento as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos. Embora os bens de raiz se achem em parte abalados, a burguesia apegase à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça; mesmo dentro da classe operária os homens tentaram frear essa libertação, porque as mulheres são encaradas como perigosas concorrentes, habituadas que estavam a trabalhar por salários mais baixos (BEAUVOIR, 1970, p. 17).

Nesse período surgiram reivindicações de mulheres ao voto e à vida pública, na Inglaterra, por meio de figuras protestantes conhecidas como as Sufragistas. Simone de Beauvoir conta, em seu livro 'O

---

<sup>3</sup> O adjetivo 'feminista' foi utilizado pela primeira vez em 1872 pelo jornalista francês Alexandre Dumas Filho, como forma de menosprezar homens que apoiavam a causa de mulheres que buscavam a ampliação de seus direitos civis. Depois das sufragistas, o termo perdeu a conotação satírica e passou a determinar o movimento social e político que tem como por objetivo a libertação feminina da opressão, dominação e exploração por parte do patriarcado, relacionando-o com a justiça social, a união coletiva das mulheres na defesa dos seus direitos e na organização social do poder feminino (PAN, 2014).

<sup>4</sup> Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi uma intelectual libertária, escritora e militante, que defendia os direitos abolicionistas e das mulheres (MORAES, 2016).

Segundo Sexo' (1970) que, durante quinze anos, as ativistas realizaram uma política de pressão ao governo. Seus protestos se davam na invasão de comícios de partidos, no ato de brandir flâmulas com os dizeres 'Vote for women', na promoção de passeatas, manifestações e conferências, sempre levando consigo cartazes com palavras de ordem e, quando presas, faziam greve de fome. Até mesmo a violência foi usada por elas, ao incendiar casas abandonadas e apedrejar policiais. Embora suas atividades tenham sido interrompidas, com o início da Primeira Guerra Mundial, foi essa mesma guerra que acabou por ajudá-las a realizar atingir seus objetivos. 'O direito de voto foi concedido às inglesas primeiramente em 1918, de maneira restrita, e em seguida, em 1928, sem restrições! Foram em grande parte os serviços que prestaram durante a guerra que lhes valeram o êxito' (BEAUVOIR, 1970 p. 162).

No início dos anos 60, no período pós Segunda Guerra, em uma época de efervescência social e cultural, da construção do pensamento libertário, junto à popularização da pílula anticoncepcional, à inserção de mulheres nas universidades e ações estudantis, iniciou-se o que seria conhecido como Segunda Onda do Feminismo, que se estendeu até meados dos anos 80 em vários países – incluindo o Brasil. O movimento era uma espécie de continuação do que havia acontecido no início do século XX, com a luta pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual (BARIONI et al., 2016), tendo como *slogan* a frase 'o Pessoal é Político'.

Ao afirmar que 'o pessoal é político', o feminismo traz para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado, [...] Ao utilizar essa bandeira de luta, o movimento feminista chama a atenção das mulheres sobre o caráter político da sua opressão, vivenciada de forma isolada e individualizada no mundo do privado, identificadas como meramente pessoais (COSTA, 2005, p. 2).

Diversas artistas, nesse período histórico, passaram a questionar suas vivências enquanto mulheres através de suas obras, fazendo, principalmente, críticas ao uso do nu feminino na arte e às restrições que favoreciam a pequena participação de mulheres em museus e galerias de arte. Nessa fase, segundo Maristela Ribeiro (2006), o fazer artístico buscou a valorização da expressão feminina em suas produções e, como consequência, as mulheres passaram a incorporar em seus trabalhos diversos materiais do dito 'universo feminino' – como cosméticos, absorventes e roupas íntimas – como modo de desafiar os poderes institucionais.

Na chamada Terceira Onda do Feminismo, iniciado à década de 90 do século XX, começou-se a discutir os paradigmas estabelecidos nas outras duas ondas. Foi questionado o manifesto universal adotado pelo feminismo até então – a interseccionalidade do discurso

é o fundamento que baseia o surgimento do feminismo negro<sup>5</sup> –, houve a desconstrução das teorias e representações binárias baseadas na dualidade masculino/feminino, seguindo o pensando de Simone de Beauvoir,

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1970, p. 9, grifo da autora).

Dessa forma, desnaturalizou-se a construção de gênero<sup>6</sup> criada socialmente. Hoje, o nome à onda feminista em que se vive é diferente, dependendo do discurso adotado. Se há teóricos que afirmam que a terceira onda ainda está acontecendo, outros preferem o termo 'pós-feminismo'.

O conceito de pós-feminismo poderá assim traduzir a existência hoje de uma multiplicidade de feminismos, ou de um feminismo 'plural', que reconhece o factor da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre outro sem, contudo, pretender fazer tabula rasa das batalhas ganhas, nem reificar ou 'fetichizar' o próprio conceito de diferença (MACEDO, 2005, p. 153-154).

O ano de 2015 foi conhecido como o ano da Primavera Feminista. O nome remete ao desabrochar das flores, assim como à inserção de mais mulheres no pensamento equitativo feminista. Muito desse crescimento se deu pela internet, pelo chamado 'feminismo virtual'. *Online*, formaram-se grupos de discussão e páginas sobre o tema, foram criados eventos e protestos que saíram do computador e chegaram às ruas, além da execução de ações e campanhas em prol da equidade de gêneros e da defesa do sexo feminino perante a opressão midiática, patriarcal e social. Os números surpreendem: entre janeiro de 2014 e outubro de 2015, as buscas por 'feminismo' e 'empoderamento feminino' nos sites de pesquisa cresceram 86,7% e 354,5% respectivamente (BELLO, 2015).

### **Fotografia: breves considerações sobre sua história e experimentações**

A fotografia sempre foi um meio explorado pelas feministas como forma de uma busca da autoimagem e do ser mulher, assim como se expressar na figura feminina que retrata e a que é retratada. Segundo Nicoli Braga Macêdo (2017), os movimentos feministas aliados

---

<sup>5</sup> Segmento do feminismo que tem como protagonistas as mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos, focando nos temas referentes à discriminação da mulher, à luta de classes e ao racismo.

<sup>6</sup> Embora o vocábulo 'gênero' já fosse usado por psicólogos americanos desde a década de 60, seu conceito foi desenvolvido e amplamente disseminado nos anos 80, quando o termo passou a ser introduzido nos debates feministas sobre a opressão à mulher, passando a oferecer uma análise subjetiva sobre as distinções entre macho/fêmea – as biológicas e aquelas construídas socialmente – desestabilizando assim o pensamento tradicional que diferenciava homens e mulheres no contexto social (RIBEIRO, 2016).

às artes auxiliaram na proliferação das manifestações artísticas e sociais, voltadas à crítica dos modelos e do papel secundário da mulher na sociedade, trazendo não apenas questionamentos como também expressando uma voz, até então negligenciada e calada.

No caso da arte feminista, o uso do corpo e o desempenho performático ajudam a criar a crítica da visualidade feminina de forma politizada, assim, há o questionamento das diferentes representações da mulher na cultura de massa, evidenciando não corpo humano, mas, sobretudo, a composição do sujeito sexuado masculino e feminino (MACÊDO, 2017, p.14).

A técnica da fotografia foi muito explorada para representação do corpo feminino e questionamentos da mulher na cultura de massa. Visto, então, a importância da fotografia para as manifestações artísticas, críticas sociais e expressão da mulher na sociedade desde os primórdios do feminismo. É importante ressaltar que a fotografia, como conhecemos hoje, é resultado de um longo processo histórico construído com a convergência de experimentos, processos e conceitos de múltiplas pessoas e de processos por elas elaborados através dos séculos.

Não estamos, assim, perante uma invenção que se atribua unicamente a uma só pessoa. Conceito como o de câmara escura, do latim *camera obscura*, um dos mais importantes no campo da óptica é crucial para o aparecimento da máquina fotográfica e conseqüentemente da fotografia, é já descrito por autores do século XVI (TAVARES, 2009, p. 120).

Todavia, foi em 1826 que Joseph Nicéphore Niépce e, posteriormente, Louis Daguerre, ao produzirem fotografias por meio da utilização de vários compostos químicos sobre suportes, que se tornou possível sua popularização e, por conseguinte, expansão. Sua popularização teve papel fundamental como possibilidade de inovação criadora em diferentes áreas do conhecimento científico e artístico, seja servindo como instrumento de apoio ou como meio de expressão (KOSSOY, 2002).

Não tardou para que a técnica fosse absorvida pela indústria mercantil, sendo comercializada já nos últimos anos do século XIX, quando se popularizou uma câmara tipo 'caixa' com um rolo de filme substituível, criada nos Estados Unidos (TAVARES, 2009). Com a democratização, a fotografia acabou por ser, também, assimilada como processo artístico nos mais diversos movimentos de arte do século XX, como Neoplasticismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo, Modernismo e Expressionismo. Na contemporaneidade, a fotografia artística seguiu um caminho paralelo de experimentação, transformação e renovação. Sua essência se dá na construção de metáforas e analogias, em conversões da imagem em subjetividade.

A escolha pelo uso da fotografia na criação dos trabalhos apresentados neste estudo, deriva de métodos analógicos experimentais que propõem explorar os meios considerados ordinários de uma forma diferenciada. O intuito da pesquisa é dar seguimento a questões relacionadas às 'violências cotidianas', explorando o feminino por intermédio de imagens produzidas por artistas mulheres inseridas no contexto da realidade contemporânea ocidental.

Dentre os processos fotográficos, a técnica do filme fervido é um procedimento experimental em que as fotografias são capturadas de forma analógica<sup>7</sup> e, posteriormente, o filme é fervido em chá quente e revelado após sua completa secagem. Nesse processo, as imagens das fotografias são alteradas, uma vez que,

O filme é composto por uma camada sensível a luz, formada por uma emulsão de sais de prata; a exposição a luz altera os cristais de prata, inserindo na emulsão uma imagem latente nos cristais que receberam luz, tornando-se visível apenas após a revelação. Durante o procedimento de aquecimento o filme passa por reações químicas na ebulição que alteram as camadas de cor existentes nele, provocando assim, reações diversas e com fator imprevisível (SCHISLER, 1995, p. 11).

O procedimento técnico experimental causa reações químicas que alteram a estrutura do filme, assim como a camada de sais de prata onde a imagem está sendo fixada, criando então uma espécie de véu<sup>8</sup> na imagem no momento em que é revelada.

### **A Fotografia como Registro Artístico de ações de Empoderamento Feminino**

A 'sororidade' pode ser definida como uma aliança feminista entre as mulheres. No *zine Reajá* (2013), que funciona como porta-voz do movimento feminista da Marcha das Vadias – a sororidade é compreendida como uma experiência subjetiva pela qual as mulheres passam com o objetivo de se libertarem das opressões sociais que sofrem. É um modo de empoderar a mulher tanto individual como coletivamente.

Em 2017, segundo a própria empresa *Google* (2017), a palavra 'sororidade' foi uma das mais procuradas em sua ferramenta de busca, estando em quinto lugar na categoria 'O que é...' nas tendências de pesquisa. Para Ligia Baruch<sup>9</sup> e Tinoco (2016), a crescente

---

<sup>7</sup> "A fotografia surgiu como resultado da interação de processos físicos e químicos. A luz que passa pela lente atinge o negativo fotográfico e provoca uma sensibilização dos sais de prata ali aplicados, registrando assim uma imagem à semelhança do objeto fotografado" (BURMESTER, 2006, p. 5).

<sup>8</sup> "Véu (fog, neblina, em inglês) é a característica pela qual haletos de prata não expostos são transformados em densidade de prata durante a revelação. Pode ter inúmeras origens, e um velamento pode ser localizado ou generalizado" (SCHISLER, 1995, p. 11).

<sup>9</sup> Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

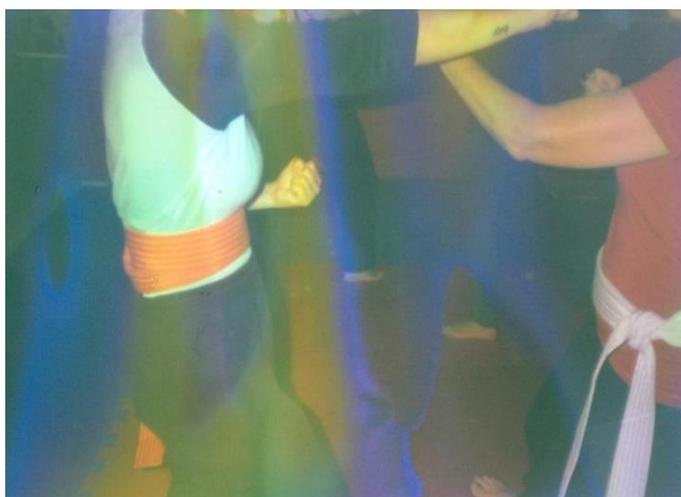
disseminação do termo e a prática de alianças entre mulheres se deve à efervescência das novas ondas do feminismo virtual, o que significa que mulheres conectadas às redes sociais e às ferramentas tecnológicas se favorecem do meio para articular novas ideias e experiências.

A palavra 'coletivo' denomina, em uma generalização, um grupo de indivíduos que divide os mesmos interesses. No contexto social contemporâneo, um coletivo feminista, por conseguinte, seria um grupo formado, principalmente, por mulheres que se unem para legitimar seu lugar dentro da sociedade, promovendo encontros, discussões e intervenções entre as pessoas do próprio grupo.

Para registrar ações relacionadas a questões femininas, nesta pesquisa, utilizamos uma máquina fotográfica analógica. Os registros foram feitos em três diferentes eventos de mulheres que, de algum modo, simbolizam os termos 'sororidade' e 'empoderamento' de ações coletivas. Os eventos foram: uma aula de defesa pessoal feminina, uma passeata de mulheres contra a PEC 181 e um encontro de bordado livre.

#### *Defesa Pessoal Feminina*

A aula de defesa pessoal feminina foi fotografada na sede do *Pa-kua*, em Novo Hamburgo, ministrada pela instrutora Leila Groth Ibarra, que ensina a técnica desde 2016 (Figura 01). Com a permissão do grupo, foram fotografados momentos de aprendizado das técnicas de escape de possíveis agressores e golpes em pontos estratégicos do corpo. Por fim, foi feita uma roda para um momento de troca de experiências e reflexões sobre a insegurança de ser mulher, além de conversas sobre em que momentos a autodefesa pode ajudar.



**Figura 01.** Aula de autodefesa do Pa-kua. 2017. Fotografia.

Fonte: Acervo Pessoal.

Segundo Lorena C. Monteiro e Loreley G. Garcia (2011), a autodefesa feminina teve seu surgimento em meados da década de 1970, paralelamente aos abrigos voluntários, linhas telefônicas de socorro e grupos de autoajuda que funcionavam como respostas feministas a todos os tipos de violência contra a mulher. Um curso de autodefesa, segundo as autoras,

[...] é direcionado às violências físicas e psicológicas do dia-a-dia e não se detém apenas a treinos físicos, mas sobretudo, a trabalhar a linguagem corporal e às habilidades psicológicas e verbais. Diz-se feminista quando se mostra como uma resposta e um enfrentamento das mulheres em relação à violência contra essas (MONTEIRO; GARCIA, 2011, p. 2).

Esses grupos têm como objetivo o empoderamento e a resistência das mulheres, dando-lhes a possibilidade de agir quando as instituições falham e a violência de gênero se faz presente na sociedade. Buscar aulas como a de defesa pessoal é uma forma de lidar não apenas com possíveis agressores na rua, mas, também dentro de casa, criando um ambiente que fortalece o físico e a mente da mulher, mostrando-lhe que ela pode ter um ambiente seguro no espaço de treino.

Quando falamos sobre um agressor, ele pode ser um estranho ou alguém próximo da vítima. Fotografar a aula de defesa pessoal surgiu como um contraponto ao vídeoarte *CICLO*, realizado em 2017, como parte de nossa pesquisa denominada *Violência Cotidiana: A Videoarte como meio de Discussão da Opressão ao Feminino*. Nesse vídeo (Figura 02), a narrativa segue os ciclos característicos de relacionamentos abusivos, que vão desde o carinho à agressividade, sucessivamente, com a violência física e emocional sendo parte constante da vida da mulher. O trabalho traz à tona questões relacionadas sobre presença da violência de pessoas muito próximas e, muitas vezes mascaradas inicialmente, porém, ao longo do tempo, se apresentam de outra forma, e até mesmo de forma fatal em todos os níveis sociais, como tem sido anunciado diariamente pelos meios de comunicação.

As imagens fotográficas dessas aulas de autodefesa pessoal propõem pensar sobre as possibilidades de as mulheres agirem, e não serem submissas como é evidenciado no vídeo; no still do vídeo, podemos perceber uma mão tapando a boca da mulher, impedindo-a de falar. Nesse sentido, a defesa pessoal é uma forma de enaltecer a independência feminina, desenvolvendo força física e mental, além de empoderar e criar autoconfiança para lidar com situações desconfortáveis que a mulher enfrenta em seu cotidiano.



**Figura 02.** *Ciclo*. 2017. *Still* de vídeo.

Fonte: Arquivo Pessoal.

### **Manifestação contra a Pec 181/2015**

Na segunda-feira do dia 13 de novembro de 2017, em Porto Alegre, ocorreu uma marcha composta por mulheres de diferentes vertentes do feminismo, de coletivos e apoiadores, sendo contrária a um projeto de emenda da Constituição que abriria margem para que o aborto fosse considerado crime, mesmo em casos de estupro, sendo esse chamado de PEC 181/2015.

A proposta de emenda da Constituição teve sua origem no projeto que visava ampliar o prazo da licença-maternidade para mães de bebês prematuros, porém, o texto aprovado em comissão na Câmara dos Deputados estabelecia que a vida começa na concepção, dando margem para que o aborto fosse criminalizado em todas as suas instâncias – incluindo estupro e anencefalia do feto.

O deputado Jorge Mudalen (DEM-SP), representante da chamada bancada religiosa, relator do caso, inseriu no texto dois pontos que alteram a Constituição. Assim, de acordo com a nova redação, o inciso 3 do artigo 1º do texto constitucional recebeu a frase: 'dignidade da pessoa humana desde a concepção'. Já no artigo 5º, acrescentou-se: 'a inviolabilidade do direito à vida desde a concepção'. Em entrevista à Rede Globo, Mudalen admitiu a manobra: 'Essas duas palavras que colocamos são pra garantir a vida e também porque somos contra o aborto' (OLIVEIRA, 2017, *online*).

Em resposta, em pelo menos 31 cidades do Brasil houve manifestações contrárias à PEC. Nessa passeata, foi possível fotografar o momento em que ocorreu uma reunião com o

objetivo de lutar pela vida das mulheres, com cartazes e entoações que exigiam a autonomia do corpo feminino. A fotografia da manifestação traz à tona uma das demandas do movimento feminista, que é a descriminalização do aborto e direito e poder de decisão sobre o próprio corpo. De certa maneira, podemos perceber que na fotografia, depois de exposta ao extremo calor, ainda transparece a mensagem da reivindicação tensa sobre o assunto. A imagem mostra que muitas possíveis soluções são manipuladas pelo poder público, apresentando-se de forma velada, sendo necessário a continuidade da luta pelos direitos femininos (Figura 03).



**Figura 03.** Manifestação contra a PEC 181/2015. 2017.

Fonte: Acervo Pessoal.

A imagem (Figura 03) têm relação direta com o vídeoarte intitulado *Atada* (2017), pois ambos trabalhos questionam o direito da mulher sobre o próprio corpo. Esse vídeo apresenta o corpo de uma mulher sendo envolto fortemente por ataduras. Ou seja, representa, simbolicamente, um corpo totalmente amarrado, moldado, preso e sufocado pelos condicionamentos sociais, sendo considerado com algo público e não privado, não tendo voz em relação ao seu próprio corpo, em casos de abusos, gravidez, aborto, por exemplo. Ou ainda, relacionado com a baixa autoestima, em que são 'impostas' necessidades estéticas aliadas a uma indústria padronizada de beleza, em que a mulher muitas vezes se submete a sofrimentos desnecessários, até resultando em mortes (Figura 04).



**Figura 04.** *Atada*. 2017. *Still* de vídeo.

Fonte: Arquivo Pessoal.

#### *Encontro De Bordado Livre*

O encontro fotografado aconteceu em Novo Hamburgo/RS e contou com a presença de cinco mulheres amigas que se reuniram para bordar, com a finalidade de conversar, trocar experiências e de acompanharem umas às outras enquanto cada uma trabalhava em sua peça.

O bordado é um método de criar formas e desenhos a partir de materiais como linhas e tecidos e ferramentas como agulhas, sendo, tradicionalmente, vinculado a 'fazeresses femininos' e, comumente, ensinado, nas famílias, de uma geração para outra.

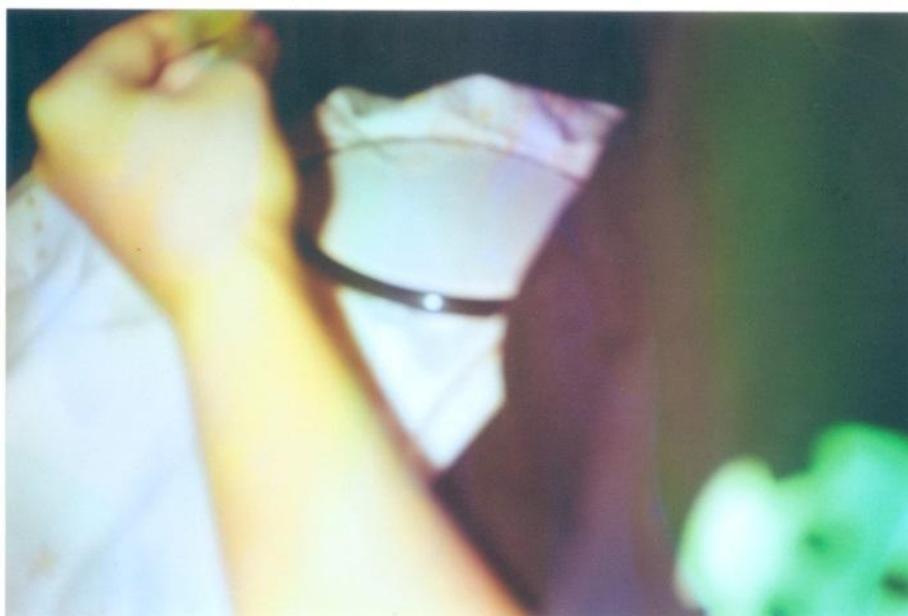
O bordado é visto como um caso exemplar: arte feminina por excelência, é adequado a esse sexo por sua graça, encanto, domesticidade e, poderíamos dizer, 'textilidade'. A percepção social de que os objetos realizados em tecidos eram, 'por sua natureza', frutos de atividades de mulheres e apropriados aos recintos domésticos era por demais difundida e arraigada, a ponto de penetrar inadvertidamente, e por isso mesmo com força, as crenças e práticas em vigor nos campos artísticos (SIMIONI, 2010, p. 8).

Nesse sentido, muitas tarefas e costumes têm sido associados à mulher. O bordado sempre foi um deles e, por isso, foi, aqui, utilizado como atividade relacionada ao trabalho de videoarte *Sorria* (2017). O vídeo aborda o fato de que as mulheres deveriam permanecer dóceis e femininas, suportando todo o machismo caladas (Figura 05). Nesse trabalho usamos a sobreposição simultânea de palavras que são ditas, cotidianamente, como *mal-*



Em grupos de mulheres bordadeiras feministas, a agulha e a linha criam figuras e frases que têm como objetivo mais do que criar uma peça de decoração, mas sim, de algum modo, criar peças sensíveis e fraternais.

Na atividade de bordado livre, percebemos a importância dessa ação através dos materiais que as participantes trouxeram, como o algodão cru servindo de suporte para a produção de desenhos próprios, tecidos que já haviam sido bordados por suas avós para repaginá-los, bem como a criação de frases de apoio que foram relacionados durante o processo. Havia no grupo um sentimento de empoderamento coletivo, estabelecendo um espaço de trocas, narrativas, cumplicidades e discussões sobre as possibilidades de agir, marcar seu estado de direito como seres atuantes na sociedade (Figura 06).



**Figura 06.** Encontro de bordado livre. 2017. Fotografia.

Fonte: Arquivo Pessoal.

### **Considerações finais**

No contexto desta pesquisa, algumas aproximações podem ser feitas entre a produção fotográfica que realizamos e trabalhos da argentina Adriana Lestido. Em fotografias documentais, a artista desenvolve análises com uma dimensão social, tecendo críticas à sociedade e propondo questões profundas sobre seu entorno, seja a condição das mulheres na prisão ou a relação entre mãe e filha. Seus interrogatórios sobre a vida cotidiana revelam a realidade e a fotografia é seu instrumento de estudo do ser humano. Uma de suas fotografias mais famosas é *Madre e hija de Plaza de Mayo*, de 1982 (Figura 07).



**Figura 07.** Adriana Lestido. *Madre e hija de Plaza de Mayo*. 1982. Fotografia.

Fonte: [http://www.adrianalestido.com.ar/es/madre\\_hija\\_plaza\\_de\\_mayo.php](http://www.adrianalestido.com.ar/es/madre_hija_plaza_de_mayo.php)

A fotografia retrata uma mãe e uma filha durante um protesto no sul de Buenos Aires, em 25 de novembro de 1982, exigindo buscas por pessoas desaparecidas durante a ditadura. Adriana Lestido explora a vida, o cotidiano mundano e o ordinário através da fotografia, mas, mais do que isso, seus registros abrem uma brecha por meio da qual é possível observar o outro e reconhecê-lo em si mesmo. Suas fotografias são desvendamentos daqueles cujos lugares na história foram apagados. Não é à toa que temas como a infância desamparada, a maternidade em situações críticas, mães em situação de cárcere e a relação entre mães e filhas são temas de seu trabalho.

Nesse sentido, uma imagem fotográfica, além de mostrar uma realidade de vivências e locais específicos, igualmente, pode remeter a questões universais.

Na imagem, nem o lugar onde estão, nem a data são distinguidos. Poderia ser em qualquer praça. A foto é tão universal que todo mundo entende: feminismo, mães, organizações de direitos humanos, grafite nas ruas, cartazes em Madri, um museu na África do Sul (GRASSO, 2016, *online*).

Acreditamos que as imagens fotográficas que apresentamos nesse estudo, também funcionam como testemunho de vivências daqueles que estão acostumados com o apagamento – visto que a maneira androcêntrica de se contar o passado acabou por relegar às mulheres o papel de coadjuvantes, na história. 'A história sempre foi uma profissão de homens que escreveram a história de homens,

esta apresentada como universal, no qual o 'nós' é masculino e a história das mulheres se desenvolve a margem' (COLLING, 2014, p. 12).

Todavia, diferentemente de Lestido, que impacta o espectador pela força clara da imagem de uma mãe com a filha, em protesto, em nossos trabalhos, as imagens se apresentam um tanto nubladas, veladas, quase enigmáticas, demandando atenção para serem desvendadas. Em uma dicotomia proposital, as fotografias das 'ações de empoderamento' visam gerar percepções e indagações quanto ao apagamento da mulher na história humana.

As sombras e manchas (Figura 08) nas imagens dificultam a identificação das mulheres fotografadas, evidenciando a representação simbólica de um véu que esmaece os feitos femininos no curso da história. De certa forma, as imagens pretendem mostrar apenas pequenos vislumbres presentes na realidade cotidiana de mulheres que se unem, buscando no coletivo o empoderamento contra as chamadas 'violências cotidianas'. A luta feminina, aos poucos, deixa de estar à margem da sociedade para ser uma das grandes protagonistas da história social.



**Figura 08.** Manifestação contra a PEC 181/2015. 2017. Fotografia.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao explorarmos a fotografia analógica de forma experimental e suas possibilidades, perscrutamos poéticas e poiéticas em nossas ações e produções artísticas, propiciando criar aproximações entre o filme fervido – levado a seu limite extremo de pressão e desconforto durante a ebulição – e as mulheres na sociedade, que sofrem a pressão e o desconforto oriundos das ditas 'violências cotidianas' e, dessa forma, também podem

chegar ao limite. Alterando as imagens gravadas na estrutura do filme, ocorrem imprevisibilidades que ampliam nossos próprios questionamentos através da arte. Assim como diferentes ações coletivas reivindicadas pelas mulheres podem transformar a sua relação no ambiente em que vivem e convivem.

Portanto, as 'ações de empoderamento' apresentadas por meio de fotografias experimentais e estudos articulados com o assunto, procuram trazer à tona a necessidade de, constantemente, afirmar a importância do debate sobre o fortalecimento das mulheres em diferentes ações coletivas. Novas soluções artísticas foram encontradas, porém, é algo que vai além de meros registros fotográficos, pois a arte é também um espaço político que relacionada com a vida pública e privada, sejam mulheres artistas ou não, propomos demonstrar a importância de que ações de empoderamento são fundamentais para demarcar espaços de direito na sociedade.

Esperamos que as breves reflexões tecidas neste estudo possam contribuir com questionamentos que envolvem a identificação de problemas sociais e culturais do feminino, estabelecendo alguns contrapontos que, de alguma forma, corroboram ações que se opõem às violências físicas e emocionais sofridas por inúmeras mulheres em nosso país. Entendemos que o assunto sobre a violência de gênero é amplo, há muito a ser discutido, aprofundado e pesquisado em distintas áreas de conhecimentos.

## Referências

BARIONI, P. et al. **#MeuAmigoSecreto**: feminismo além das redes. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

BARUCH, L.; TINOCO, D. Sororidade, substantivo feminino. **O Globo**, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230>>. Acesso em: fev. 2018.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BELLO, L. **Uma primavera sem fim**. Think Olga, 2015. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>>. Acesso em: fev. 2018.

BURMESTER, C.F. **Fotografia – do Analógico para o Digital**: um estudo das transformações no campo da produção de imagens fotográficas. São Paulo: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes, 2006.

COLLING, A.M. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

COSTA, A.A. O movimento feminista no Brasil. Dinâmicas de uma intervenção política.

**Revista Gênero**, 2005. Disponível em:

<[www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/380](http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/380)>. Acesso em: 03 mar. 2018.

DPLP. DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Empoderamento, 2008-2013,

Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/EMPODERAMENTO>. Acesso em: 03 mar. 2018.

DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas, São Paulo, v.3, p. 81-85, 1980.

GOOGLE **trends, mais pesquisados 2017**. Disponível em:

<<https://trends.google.com.br/trends/topcharts>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

GRASSO, A. **Madre e hija, la historia de la foto símbolo de una resistencia**. 1 il.

p/b. 2016. Disponível em: <<http://www.perfil.com/noticias/elobservador/madre-e-hija-la-historia-de-la-foto-simbolo-de-una-resistencia-0326-0028.phtml>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LESTIDO, A. **Madre e hija de Plaza de Mayo**. 1 il. p/b. Disponível em:

<[http://www.adrianalestido.com.ar/es/madre\\_hija\\_plaza\\_de\\_mayo.php](http://www.adrianalestido.com.ar/es/madre_hija_plaza_de_mayo.php)>. Acesso em: 03 fev. 2018.

MACEDO, A.G.; AMARAL, A.L. (Orgs.). **Dicionário da crítica feminista**. Porto:

Afrontamento, 2005. p. 153-154.

MACÊDO, N.B. **O Feminino e o Fotográfico**: Uma visão de Sherman, Ventura e Rennó.

Dissertação de Mestrado. Universidade De Lisboa, 2017.

MONTEIRO, L.L.C.; GARCIA, L.G. "Conheça sua força": um estudo sobre a prática da defesa pessoal feminista. SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: OLHARES DIVERSOS SOBRE A DIFERENÇA. 3, outubro, 2011. **Anais...** João Pessoa, PB.

Disponível em: <<http://www.itaporanga.net/genero/3/09/01.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

MORAES, M.L.Q. de. **Prefácio**. In: WOLLSTONECRAFT, M. Reivindicação dos Direitos da Mulher. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 7-16.

OLIVEIRA, T. Câmara analisa PEC 181. Entenda seus impactos sobre o aborto no Brasil. **Carta Capital**, dez 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/camara-vota-pec-181-entenda-seus-impactos-sobre-o-aborto-no-brasil>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

PAN, M.B. **O que é feminismo?** Disponível em: <[http://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/10/O-que-%C3%A9-feminismo\\_Montserrat-Barba-Pan.pdf](http://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/10/O-que-%C3%A9-feminismo_Montserrat-Barba-Pan.pdf)>. Acesso em: 19 mar. 2018.

REAJÁ (zine). Campinas, São Paulo, 2013. Disponível em: <[https://issuu.com/vadias\\_cps/docs/zinereaja-1](https://issuu.com/vadias_cps/docs/zinereaja-1)>. Acesso em: 03 abr. 2018.

RIBEIRO, D. O que é o empoderamento feminino? **Carta Capital**, 25 set. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/971/o-que-e-o-empoderamento-feminino>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

RIBEIRO, D. Prefácio. In: BARIONI, P. et al. **#MeuAmigoSecreto**: Feminismo Além das Redes. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016. p. 9-12.

RIBEIRO, M. **Fendas e frestas**: a mulher, da contemplação à interlocução. Salvador: EDUFBA, 2006.

RUA, M. das G. Análise de Política Públicas: Conceitos Básicos. In: Maria das Graças Rua; Maria Carvalho. (Org.). **O Estudo da Política**: Tópicos Seleccionados. Brasília: Paralelo 15, 1998.

SCHISLER, M.W. L. **Relação em preto-e-branco, a imagem com qualidade**. São Paulo: Senac; Martins Fontes, 1995.

SIMIONI, A.P.C. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. **Proa**: Revista de Antropologia e Arte, v. 2, p. 1-19, 2010. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/viewFile/2375/1777>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

TAVARES, A.L.M. A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea. **Sapiens: História, Património e Arqueologia**. [Em linha]. n.º 1 (julho 2009), p. 118-129. Disponível em:  
<[www.academia.edu/1155767/A\\_fotografia\\_artística\\_e\\_o\\_seu\\_lugar\\_na\\_arte\\_contemporânea](http://www.academia.edu/1155767/A_fotografia_artística_e_o_seu_lugar_na_arte_contemporânea)>. Acesso em: 12 fev. 2018.

---

<sup>i</sup> Professora universitária, pesquisadora e artista plástica

<sup>ii</sup> Artista visual, formada pela Universidade Feevale, e editora de vídeo.

<sup>iii</sup> Artista visual, formada pela Universidade Feevale, e designer gráfico.

Como citar esse artigo:

BLAUTH, Lurdi; SCHMITT, Diênifer Morgana; ROSA; Anna Paula Rodrigues da. Violências cotidianas: a fotografia como registro de empoderamento feminino. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 1, p. 18-37, jan./abr. 2019.